

# Guitarristas de Betanços:

## Breve história da guitarra brigantina

ISABEL REI SAMARTIM\*

*Não quero malha  
que sou de Sada,  
se fora de Ouzes  
tanto me dava*

Canção popular brigantina

### Sumario

A relação da cidade de Betanços, da sua comarca e das comarcas próximas com a guitarra e os instrumentos de plectro tem sido intensa e prolongada no tempo. Neste artigo desenvolve-se a tese da guitarra galega focando a atenção n@s intérpretes betanceir@s, desde a Idade Média até ao século XXI.

### Abstract

The relationship between the city of Betanços, its region and surrounding regions with the guitar and plectrum instruments has been intense and prolonged over time. In this article, the Galician guitar thesis is developed focusing on local interpreters, from the Middle Ages to the 21st century.

## 1. Sobre a guitarra galega

A guitarra foi usada na Galiza como instrumento popular e erudito sem interrupção ao longo da nossa história. As primeiras informações galegas sobre instrumentos antecedentes das guitarras são do século XII e na península há registada uma intérprete, a jovem lusitana Lutátia Lupata, no século II-III, em cuja tumba figura o seu retrato esculpido na pedra, a tocar um cordofone dedilhado do estilo das guitarras (Rei-Samartim, 2020: 89-91). Também sabemos que as guitarras antigas e toda a sua enorme família são instrumentos musicais de extensão indo-europeia, também conhecidos no Norte da África, cujas primeiras manifestações artísticas se remontam a vários milénios antes da nossa Era (Krispijn, 2010). Porém, e a pesar das evidências, nos últimos séculos o instrumento das seis cordas tem sido chamado entre nós de ‘guitarra espanhola’, hábito não musicológico que se foi

---

\* **Isabel Rei Samartim** (1973) nasce na Estrada (Galiza) onde inicia no âmbito familiar e depois no conservatório local os estudos de música. Titula-se no Conservatório Superior de Música da Corunha, na especialidade de Guitarra, com o professor Antonio Rocha Álvarez. Depois estuda com o maestro David Russell, com **Thomas Müller-Pering** na *Hochschule für Musik «Franz Listz»* de Weimar (Alemanha) e **outr@s grandes intérpretes**. Como guitarrista obtém prémios em diversos concursos da Espanha e da Itália. É convidada a participar em festivais na Itália, Galiza e Portugal. Tem estreado obras de vários compositores e realizado concertos em diversos países europeus e o Brasil. Atualmente realiza recitais de divulgação das mulheres guitarristas galegas e dos fundos galegos para guitarra. Entre as suas publicações está o *Cancioneiro de Marcial Valladares «Ayes de mi país»* junto com J. L. do Pico Orjais (Dos Acordes, 2010); *Suite Rianjeira* (Barbantia, 2010); *Proel e o Galo. Poesia e Prosa Galega Completa de Luís G. Amado Carvalho* (Edições da Galiza, 2012). Em 2014 lança o disco *A Viola no Século XIX: Música de Salão na Madeira*, patrocinado pelo Governo Regional da Madeira. Desde setembro de 2020 é doutora em História da Arte pela Universidade de Santiago de Compostela com a tese *A guitarra na Galiza*, que trata a história da guitarra galega desde o século XII ao XIX. Trabalha desde 2005 como professora funcionária no **Conservatório Profissional de Música de Santiago de Compostela**. Entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021 integrou também o Departamento de Música da Universidade do Minho (Braga, Portugal). isabelreibr@yahoo.com.br

espalhando desde o final do século XIX até aos nossos dias. A expressão surge na época de Cánovas como intento de construir uma identidade musical espanhola baseada na música castelhana-andaluz. A ideia, que tem tido algum eco, fazia parecer a viola do Pórtico da Glória um instrumento não galego, gerava receio entre as gentes galegas e, andando já os tempos da ditadura franquista, foi responsável pelo desconhecimento dos valores próprios do país.

Avelina Valladares, Rosália Castro, Paz Armesto de Quiroga, Javier Pintos Fonseca, Fernando Torres Adalid, entre outros, cultivaram a guitarra, em muitos casos num claro senso galeguista, como a moineira do guitarrista de Trives, Cesáreo Alonso Salgado, que serviu de inspiração a Curros Enríques para compor a *Cántiga*, depois universalmente conhecida pelo ilustre título de *Uma noite na eira do trigo*; ou o *Alalá e Alvorada* doutro guitarrista, José Castro ‘Chané’, arranjados em Vigo por Santos Rodríguez Gómez para conjunto de guitarras, alaúdes, bandurras e bandolins, e interpretados pela família do lalinense Evangelino Taboada; ou a possível guitarra original do também violinista Juan Manuel Pintos Villar, autor de *A gaita galega* (1853) e ilustres galeguistas como Daniel Castelão, pai do nacionalismo galego moderno, que aprendeu guitarra na Pampa argentina e depois integrou a Tuna Compostelana. A iconografia em templos e edifícios civis, as escolas de guitarras e outros cordofones dedilhados, fundadas por todo o território galego sob a forma de sociedades obreiras, os testemunhos históricos de atividade guitarrística nas festas, o âmbito dos músicos cegos e o repertório popular provam a histórica identificação do povo com este instrumento.

Este estudo procura dar a conhecer a riqueza da nossa tradição guitarrística, uma das mais clássicas tradições musicais galegas (Rei-Samartim, 2020). As informações sobre o emprego de guitarras, iconografia, intérpretes, partituras, concertos, locais de ensino, construtores e armazéns desde o século XII até à atualidade indicam o alto nível de desenvolvimento e a peça fundamental que foram para a música em geral. O estudo da guitarra galega revelou, também, informações musicológicas e de carácter geral, como a passagem do estilo ponteadado ao rasgado, a adoção de diversos estilos de notação nos séculos XVII e XVIII, ou as disputas entre novas e antigas elites no início do século XIX, além de numeroso e novo repertório, a existência de inúmeras associações filantrópicas dedicadas ao estudo musical, e a promoção das orquestras de guitarras como atividade social e educativa de primeira magnitude. A produção de música galega para e com guitarra tem sido constante desde que temos hemeroteca e os diversos fundos de partituras testemunham o grande interesse que as gentes galegas demonstraram no cultivo da arte musical através deste instrumento, que ao longo da história tem ido mudando de forma, mas sempre conservando as suas características essenciais.

Estas características da guitarra galega não diferem das guitarras do resto da Europa. De facto, a iconografia do conjunto da Galiza mostra de modo nítido a evolução desta família indo-europeia de instrumentos, desde os antecedentes no século XII, como as violas de mão e as citolas, até à construção moderna, passando por todas as formas e tamanhos pertencentes às diversas épocas históricas. Na Galiza temos guitarras/violas/citolas medievais, góticas como a de São Francisco de Betanços, renascentistas como as de Santa Maria de Noia, barrocas como as de São Martinho Pinário, românticas francesas como as das famílias Pintos, da Ponte Vedra, e Salaverri, de Mondonhede, e modernas, ou do século XX e XXI, como as construídas pelos violeiros Guillermo Álvarez Vázquez (1923-2016), de Monforte, e o seu filho estabelecido em Sada, José Álvarez.

O que é, então, a guitarra galega? Pois é o património artístico formado por instrumentos, intérpretes, conjuntos, repertório, fundos de partituras, compositores, construtores, escolas, sociedades e armazéns de música que existiram, atuaram e construíram música e cultura na Galiza ao longo de toda a nossa história.

## **2. Betanços e a sua influência: As Marinhas, Corunha e Ferrol**

A milenar cidade de Betanços, abrigo do rio Mandeu, berço de celtas e suevos, capital política e judicial, sede de franciscanos e dominicos, domínio de Andrades, Osórios e Figueiras, referente da comarca das Marinhas e da Montanha, em cujas ruas despachavam os grémios de lavradores, marinheiros, alfaiates, sapateiros e outras artes e ofícios, quem sabe se violeiros, em cujo arquivo municipal se reuniam os sete representantes da Junta Geral do Reino da Galiza, em cujo palco da música o irmandinho Lugris Freire pronunciava o seu discurso em galego, cujo campo até Cúrtis foi a inspiração da pintora de Oça dos Rios, Maria Antónia Dans, em definitivo, a grande e antiga comarca brigantina tem sido também protagonista da história musical galega.

A posição geográfica de Betanços, com uma parte interior e outra costeira, que a liga por mar com duas das cidades mais importantes da Galiza como são Corunha e Ferrol, manteve ao longo do tempo um cenário privilegiado para os relacionamentos musicais entre comarcas. Daí o feliz encontro entre o grande Montes e o poeta brigantino Salvador Golpe, de que nasceu a bela canção *As ligeiras andorinhas*, poema composto para ser musicado no certame organizado pela Sociedade Coral Polifónica *El Eco*, em 1890, na Corunha. Nos documentos guitarrísticos observam-se frequentes contatos e intercâmbios entre o que poderia chamar-se o Triângulo Brigantino, Betanços – Corunha – Ferrol, sendo as três localidades berço de numerosas intérpretes de guitarra e armazéns de música, onde nos séculos XIX e XX se formou um espetacular ambiente de orquestras de cordofones.

## **3. Músicos e músicas betanceiras**

As primeiras notícias sobre intérpretes de Betanços são as relativas à nobre jogral Maria Peres, ‘Balteira’, de cuja atividade artística dão conta as cantigas medievais do século XIII. Dentre tudo quanto se tem escrito sobre ela, pois deveu ser mulher inteligente a governar-se num mundo de homens hostis, recolhemos o investigado pelas professoras Domínguez Touriño e Estévez Salazar (2009: 19) que já nos alertam sobre a dupla consideração das mulheres na literatura medieval galego-portuguesa, quer como cumpridoras do ideal de mulher medieval, quer como transgressoras “retratadas de forma totalmente estereotipada”. E também, o investigado pelos professores Rodrigues Lapa (1970) e Joaquim Ventura (2017) que, desde o documento histórico mais importante que se conserva sobre ela, revela a sua origem nobre e alto relacionamento nas Cortes dos principais Reinos peninsulares.. Filha de Pero João de Guimarães e de Azenda Pelaez, Maria Peres mantinha um contrato com o Mosteiro de Sobrado dos Monges pelo que recebia uma renda anual em espécies (pão de trigo, milho e cevada, porcos, carneiros, manteiga, queijos, fruta, verduras, leite, vinho, pescadas e sardinhas, legumes, mel, peles de vestir e sapatos). O dito contrato está confirmado por familiares, vereadores, juízes e cregos da comarca, o que revela uma origem nobre. Um outro elemento curioso desse documento é a condição de cruzada (sic) pela que cobraria duzentos soldos (soldadeira) no caso de viajar pela península com esse propósito (a luta contra os reinos muçulmanos)

e perderia as propriedades. Desconhecemos o tipo de luta ou diplomacia que levaria para a frente a nossa Balteira, mas alguma influência deveu ter visto o teor das cantigas que contra ela se escreveram. O interesse geral pelas artes e, concretamente, pela música por parte dos nobres galegos foi tratado dando atenção especial ao casal formado por Rodrigo Osório de Moscoso e Isabel de Castro, respetivamente, guitarrista e poeta (Rei-Samartim, 2020: 103-104, 137-143). Igual que estes nobres, Maria Peres teria tido acesso às artes performativas como a música e a dança, e ao mesmo tempo a sua posição social teria permitido também a atividade política.

Outras notícias importantes do mesmo século XIII são as do antigo ensino musical em Betanços, dadas pelo compositor e pianista corunhês José Maria Varela Silvari na sua *Galería Biográfica de Músicos Gallegos* (1874: 16). Silvari afirma existir uma escola de música em Betanços nessa altura, pelo que recebeu duras críticas por parte dalguns contemporâneos que o acusavam de afirmar sem provas. Porém, a posterior descoberta do Códice Calixtino em Compostela, com a sua música datada no século XII abre a possibilidade de ter havido escola musical e coral na Galiza em épocas mais recuadas. Se tivermos em conta os indícios de haver em Betanços uma igreja no século XII (Erias, 2014: 12), não parece tão desviada a ideia de que houvesse logo a seguir algum tipo de ensino musical associado, ou não, ao culto religioso. Supomos que Silvari era conhecedor da história de Martínez Santiso, originalmente publicada a partir de 1883, como era também conhecedor doutras informações históricas antes de elas serem publicadas, por amizade com os seus autores. Na sua história de Betanços, Martínez Santiso (1987: 245) dá notícia da construção do convento franciscano no século XIV, onde a comunidade formada por até oitenta religiosos ensinava Gramática, Filosofia, Teologia e Música tanto aos próprios membros quanto à população.

De novo Varela Silvari trata no século XVII do Mestre de Capela, Juan Alfonso, natural de Betanços (Carreira, 1989) e no século XVIII do organista betanceiro Julián Crespo (Silvari, 1874: 31), que também nomeia Martínez Santiso (1978: 388-389) na antes citada História de Betanços. E o cronista atual Núñez-Varela tem dado notícias sobre os sanfonistas brigantinos no mesmo século. Como era habitual, o ofício de músico tinha muito a ver com o coletivo de pessoas invisuais ou cegas. Desse modo, Juan Diego, Pedro Coiro e Pedro Espantoso estão documentados como sanfonistas cegos a tocarem nas festas de Betanços (Núñez-Varela, 2012; 2016).

Miguel Marín Arén (1815-1879) era um advogado a exercer em Compostela, que doou todos os seus livros à Biblioteca da Universidade compostelana. Marín Arén possuía terras em Betanços, o que faz suspeitar da sua origem betanceira. Na sua biblioteca conservou-se o espectacular Manuscrito Guerra, livro de canções para voz e contínuo do século XVII, assim chamado por ter sido copiado em Madrid pelo escrivão José Miguel Guerra. Também Marín Arén conservava um livro do matemático catalão Benito Bails, *Lecciones de clave*, publicado em 1775 para o estudo do baixo contínuo realizado no cravo, com o que o advogado aprendia a acompanhar as canções do Manuscrito Guerra. Foi Benito Bails (1730-1797) um matemático reconhecido, até agora não estudado como intérprete de cravo, prazer que sem dúvida cultivou e deveu forçosamente abandonar ao sofrer uma paralise em parte do corpo. Curiosamente, temos achado uma das obras matemáticas de Bails na Memória do *Instituto Municipal de Segunda Enseñanza Libre* de Betanços (1872).



**Ferrol. — El niño pianista Pepito Arriola y la rondalla "Airiños da minha terra", que tributó un homenaje al precoz músico á su paso por aquella población** FOT. GONZÁLEZ

Im. 1: Pepito Arriola com a orquestra de plectro ferronala *Airiños d'a miña terra*.  
Revista *Nuevo mundo*, Madrid, 2 de novembro de 1911, p. 25.

Em novembro de 1852 propõe-se a criação duma Academia de Música Municipal, que seria a Escola formadora dos intérpretes da Banda de Música (Cuns, 1984). Com mais ou menos continuidade, esta Escola e a Banda tem sido abundante fonte de músicos betanceiros que os trabalhos de Xulio Cuns Lousa recolhem amplamente (Cuns, 1984; 1986; 2011), complementados com os do pianista betanceiro Javier Ares Espiño (2018), familiar do guitarrista Manuel Ángel Ares Espiño, membro da *Rondalla Nosa*, de que falaremos mais para a frente.

Um pouco mais tarde, fora do âmbito bandístico, regista-se Juan Ponte Blanco, organista e pianista cego, que foi aluno da escola para invisuais compostelana dirigida por Antonio López Navalón, hoje conhecido por *Instituto López Navalón*, uma das primeiras instituições galegas a oferecer ensino oficial de música. Já na última década do século, Juan Ponte regressaria a Betanços, onde trabalharia como professor, primeiro na escola de música de Augusto Veiga Valenzano, filho de Pascoal Veiga e, depois, pela sua conta na

academia *La Unión Musical* inaugurada em 1900. Ponte também foi correspondente em Betanços de vários jornais galegos (Rei-Samartim, 2020: 393-401, 415-416, 579). Um outro pianista betanceiro, menino prodígio duma família de pianistas, foi o filho de Josefa Rodríguez Carballeira, José, mais conhecido por Pepito Arriola. Também as suas irmãs Pilar e Carmen Osorio foram meninas prodígio ao piano e realizaram carreiras musicais. De todas elas pode dizer-se que foram uns dos músicos betanceiros com maior projeção internacional, chegando Pilar a triunfar como menina prodígio na Alemanha, Carmen a estabelecer-se como pianista em Teerã, e Pepito a visitar as salas de concerto em toda a Europa e os Estados Unidos (Dopico, 2003).

Pianista também, ainda que dedicado à produção literária, foi João Vicente Viqueira-Cortón, cuja esposa Jacinta Landa Vaz entesourou uma coleção de canções populares, aprendidas na primeira metade do século XX, próprias daqueles lugares que ela conheceu e onde morou, como a sua Estremadura natal, as terras de Portugal e a comarca de Betanços (Vijói). Vicente Viqueira escreveu sobre música em diversos artigos, onde demonstra o seu conhecimento técnico e o interesse pela recuperação das melodias populares galegas (Viqueira, 2012). A quadra popular brigantina que encabeça este artigo foi recuperada por Jacinta Landa Vaz (1894-1993) e gravada na segunda metade do século XX dentro dum conjunto de canções galegas, portuguesas e estremenhas que a professora legou aos seus netos e netas (Orjais, Morais e Manzano, 2017).

Uma grande quantidade de outros músicos brigantinos é a nomeada por Xulio Cuns Lousa e Xosé María Veiga Ferreira no seu livro sobre as orquestras populares das Marinhas (Cuns e Veiga, 2006). É impossível neste artigo dar conta de todas as intérpretes, homens e mulheres, que ali são mencionadas, por isso faremos um rápido repasso para dar uma ideia da importância desse trabalho. Além dos gaiteiros da comarca e das bandas de música, no primeiro terço do século os autores citam as orquestras dos Mansos de Minho, os Cafus de Coirós, os Pitas de Pontedeume, a Música de Ois, a Música Esperela, os Panchós de Sada, entre outras. Estas empregavam sobretudo instrumentos de sopro, próprios das bandas de música. Já a partir da década de 1930, os autores descrevem a aparição nestas orquestras dos cantores e cantoras, chamados «animador», «animadora» ou vocalista, que supõe uma modernização dos repertórios e uma passagem à música profissional, além de uma incorporação feminina que, mesmo sendo controlada e exclusiva do canto, era um pequeno passo para a saída laboral das mulheres. Fina Gay, Alicia Beatriz, A Neskita, A Mancheguita, Isabel Aceituno e Carmen Mary eram vocalistas nessa época. Algumas orquestras do momento eram Os Guiliades, os Rambalts, os Lamas, os Pachotes, a orquestra de Antonio Mallo, os Paulos, os Patolos. Outros instrumentos como a bateria e o trombone adquirem protagonismo neste período, junto com o já popular piano. Mas aproveitam-se também os instrumentos tradicionais como o violino, o acordeão, a guitarra e a percussão tradicional.

Cuns e Veiga explicam que pela metade do século vai chegando a moda das *Jazz Band* junto com os «teclados» ou pianos eléctricos. A Orquestra Brigantina, a Orquestra Rádio, a de Machín Blanco, a Compostela de Betanços, a Orquestra Moderna de Corujou, a Bellas Farto do Ferrol, a Aguelas de Mondego (Sada), a Orquestra Flor, a Flor de Maio, a Melody-Jazz de Bergondo, e muitas mais. Já no último terço do século XX aparecem as orquestras que poderiam denominar-se «Após maio do 68», com estética presleyriana e expressão em língua castelhana. Também nesta época, anunciando o final de Francisco Franco que estava por chegar, surgem as primeiras orquestras modernas de estética galega

e galeguista, como os *Breogan's* e os *Kunkas*, influenciadas pelo movimento da nova canção galega de *Voces Ceibes*.

Noutros âmbitos musicais temos o crego de Valga Manuel López Castro, que chegava a Betanços em 1968 e um ano mais tarde fundava a Coral Polifónica (Álvarez, 1981). O compositor betanceiro, mestre de compositores e compositoras, como Margarita Viso, foi o saudoso Carlos López García-Picos, que depois dum longo labor criativo e pedagógico em Buenos Aires, funda em 1987 a *Asociación Galega de Compositores*, dando um impulso fundamental à composição galega (Viso, 2014). O pianista betanceiro já citado, Javier Ares Espiño, dedicou a sua tese de doutoramento ao estudo da obra de García-Picos (Ares Espiño, 2016). Javier Ares é professor de piano no Conservatório Superior da Corunha.



Im. 2: Viola de mão na abside de S. Francisco de Betanços. Foto: Alfredo Erias, *Iconografía de las tres iglesias góticas de Betanzos*, p. 571.

#### 4. Guitarristas do Triângulo Brigantino

Uma das primeiras manifestações guitarrísticas que se conservam em Betanços é a representação iconográfica da viola de mão e dos três cistres tocados por anjos, que se acham na Igreja de São Francisco e datam do século XIV (Erias, 2014: 570-571). Já temos advertido na nossa tese a preocupação musical dos franciscanos, em cujos templos sempre há representações de instrumentos musicais e onde nunca faltam guitarras e outros cordofones dedilhados. Incluímos três cistres nestas reflexões porque ao tratar a guitarra como um dos instrumentos da grande família dos cordofones dedilhados vemos melhor a sua evolução e entendemos mais o mundo medieval. Os cordofones dedilhados são os instrumentos de corda com braço e caixa de ressonância, tocados com os dedos (por isso dedilhados em oposição a friccionados, que seriam os cordofones de arco), onde estão também os alaúdes e os cistres. Guitarras, alaúdes e cistres são todos cordofones dedilhados de braço cujas caixas variam na forma.

Os cordofones betanceiros, situados na zona do Paraíso da abside da igreja franciscana, mostram intérpretes a tocarem o instrumento em modo diferente às representações das citolas medievais do século anterior, que podem ser vistas nas representações do Paço de Gelmires em Compostela e na entrada da igreja do Mosteiro de Carveiro. Uma citola é um antecedente da guitarra. As citolas são tocadas de braços paralelos a rodearem o instrumento pela parte de baixo, porém a viola de mão ou guitarra betanceira é tocada com o braço direito por cima da caixa. Os cistres, porém, ainda mostram o braço direito numa posição intermédia entre a das citolas e a da viola de mão. Para as pessoas profanas nestas questões musicais é devido explicar que as citolas e violas de mão, como antecedentes das guitarras, possuem o mesmo tipo de caixa em forma de oito ou com cintura, entanto os cistres têm a

caixa em forma de pera ou lágrima, sem cintura, sendo a dos alaúdes mais arredondada. A viola de mão de São Francisco, mesmo de impercetível cintura, é um dos exemplos mais antigos do novo modo de tocar, que em séculos posteriores facilitou a invenção e desenvolvimento do estilo rasgado.

Dos mais antigos guitarristas de Betanços de que temos notícia, sem desbotar a possibilidade de que Maria Peres ‘Balteira’ tenha também tocado citola ou viola de mão, foi João Dias, conhecido por João Dias de Betanços. Cronista da conquista do Peru acometida pelos irmãos Pizarro, João Dias acabou os seus dias casado com a princesa inca Cuxirimay Ocllo, a falar a língua quéchua e enterrado na cidade de Cusco. A professora Martín Rubio, maior estudiosa desta personagem histórica, afirma que foi guitarrista na Capela de Música de Gonzalo Pizarro e um intelectual completo, conhecedor de várias línguas, possuidor duma enorme cultura e autor da extensa crónica intitulada *Suma y narración de los Incas*. A data do seu falecimento tomamo-la de Monterroso Devesa (1992) que a situa em 1576. Este autor também aduz um dado interessante que dá pistas a respeito da origem de João Dias pois cita o genealogista lucense Eduardo Seijas Vázquez, cujo estudo menciona um Gonzalo Dias de Betanços que era da Casa de Andrade.

As pesquisas sobre a guitarra revocam a ideia de ‘séculos escuros’ impressa na historiografia galega atual e Betanços também tem algo a dizer nisso. Foi graças a outro betanceiro, Salvador Cabeza de León, que conhecemos o significativo testemunho de 1591 sobre os estudantes universitários, onde se afirma que saíam pelas ruas a altas horas tocando e cantando com guitarras (Rei-Samartim, 2020). Cabeza de León foi colaborador do jornal *La Defensa* e defensor dos e das lavradoras (Miguez, 1981), e em Compostela fundador e primeiro presidente do coro Cantigas e Agarimos. Discursou em galego em 1891 nos Jogos Florais de Tui com Murguia e outros, e em 1924 na Festa da Língua em Compostela, onde saíram premiadas obras de Mauricio Farto, fundador da orquestra de cordofones *Blanco y Negro* e do coro galego Cántigas da Terra, e José Fernández Vide, conhecido compositor e mestre ourensano, e em cujo júri estava Pepe Curros, músicos todos estreitamente ligados à guitarra e às orquestras de cordofones (Delgado, 2017).

Sendo Betanços capital de Partido Judicial, os seus julgados albergaram toda a atividade da província. De 1778 é o pleito que se dirige contra uma mulher prostituta da Granha (Minho), Maria do Carmo ‘Falperra’, por causa duma viola/guitarra, chamada de ‘alfaia’, que tinha sido roubada ao seu dono por uns delinquentes. O dono era um marinho catalão, Joan Domenech, que possivelmente ao visitar o prostíbulo tinha achado ali a viola que lhe faltava havia uns dias. Em vez de perseguir os delinquentes, Domenech denunciou Falperra quem foi condenada a pagar os custos processuais, de modo que, por cima de ser roubada, ela foi ainda castigada com pagar uma quantidade. Sem dúvida, a viola devia ser visivelmente de qualidade, sem sabermos se a mulher a teria aceite por parecer valiosa, ou por poder usar dela (Rei-Samartim, 2020: 226-229).

José Castro ‘Chané’ era regente do orfeão corunhês *El Eco* desde fevereiro de 1890, ano em que também se funda a orquestra de cordofones do *Sporting Club*. No mês de junho vão todos passar o soalheiro domingo aos Caneiros e ali podem ver-se vários sócios do clube junto com o mestre Chané, que na tarde tocou guitarra e bandurra, além de acompanhar algumas cantoras em árias de zarzuela e ópera (EM, 1890). Este é um ano emblemático para a música e a guitarra na Galiza, em que o betanceiro Salvador Golpe publica o seu poema *Adios a Galicia*, também conhecido por *As lixeiras anduriñas*, para ser musicado num certame que ganhou o mestre Montes, criando uma das mais belas



Im. 3: Cistres na abside de S. Francisco de Betanços.

Foto: Alfredo Erias, *Iconografía de las tres iglesias góticas de Betanzos*, p. 570.

canções galegas do nosso século XIX. A guitarra brilhava nas Tunas e Estudantinas que iam a Portugal, nas orquestras de cordofones e nas rusgas criadas para o Entrudo e outras festas. Desse ano são as primeiras notícias sobre Eduardo Pita, da Pontedeume, do guitarrista e seminarista em Lugo Miguel Chiva. Em Compostela é o ano da regência da Tuna por Nietinho, da loja de música de José Cardalda. Em Lugo, do bazar onde se vendiam artigos musicais de José Varela Hortas e na Ponte Vedra, da atividade criadora de Javier Pintos Fonseca. É o ano da publicação do método para bandurra de Campo Castro e da morte de Tomás Damas. Também é o ano da entrada como professor do organista e compositor Jesús García Jiménez no liceu de Cee, que sabemos manteve uma orquestra de cordofones e hoje conserva o maior conjunto de guitarras originais da Galiza, e também o ano de nascimento dum dos guitarristas Salaverri de Mondonhedo. Nesse ano toca José Fola um concerto de guitarra no Casino pontevedrês e visita Galiza o excelente guitarrista cego Antonio Jiménez Manjón. No ano anterior visitara-nos o virtuoso ferrolano Parga.

Neste fervilhar guitarrístico é que se regista a atuação em Betanços do organista e compositor Jorge Yáñez, filho do também guitarrista Jorge José Yáñez, empresário corunhês, criador duma companhia lírica, sócio do Circo de Artesãos onde oferece recitais nos meados do século. O filho Jorge e (a filha?) Benita Yáñez também foram intérpretes, sendo que em maio de 1891 anuncia-se uma atuação no Teatro Alfonsetti de Betanços. É o recital do Orfeão Eslava n.º 3, do qual Jorge Yáñez era regente. Nessa ocasião Yáñez interpreta na guitarra a famosa *Marcha de Luís XVI* e umas malaguenhas, além de acompanhar no piano alguns dos orfeonistas. Do jornal *El Mendo* (1891) que noticiou o recital:

Levantóse nuevamente el telón y apareció em escena el Sr. Yáñez tocando á la guitarra la Marcha de Luís XVI. Con la delicadeza y buen gusto que le caracteriza, movia sus dedos por el mástil de la guitarra el afamado guitarrista y los aplausos fueron muchos para hacerlo presentar de nuevo.

No ano a seguir, 1892, e de gira por outras cidades da Galiza, tocou em Betanços o guitarrista catalão Rafael Tost Marias. De Betanços era o barbeiro Germán Lage, descrito por Álvarez López como capaz de interromper o barbeado dos clientes pela inspiração musical que o levava a colher a guitarra e começar a tocar, sem que ninguém ficasse amuado por causa do bem que o fazia. E também de Betanços era o jornalista e escritor Manuel José Lema González (ca. 1866 – 1928), autor do poema em galego dedicado e inspirado pelo virtuoso João Parga Bahamonde (Rei-Samartim, 2020: 494):

*Tocad' as gaitas gaiteros  
Que s' atopa entre nos Parga,  
O guitarrista de sona  
Qu' arranca d' a sua guitarra  
As notas mais garimosas  
Que poden ser escoitadas  
Pol-os que sinten bulir  
A lus d' o Arte n' a y-alma.  
Vinde, vinde rapaciños  
A tocarlle unh' alborada  
O xenio que levantou  
O nome d' a nosa pátreia*

*Levand' a terras alleas  
As nossas dolciñas cántegas.  
Españas, follas e frores  
Come Carboxall lles chama.  
Vinde, vinde escoitar oxe  
Esta palleta gallarda  
Tenriña, rebulidora  
Do nosso paisano Parga,  
Quen chegou ¡parece grola!  
A facer da sua guitarra,  
Sin roncón e sin punteiro  
Perfeutamente unha gaita.*

Muitos outros guitarristas teve Betanços, dos que falaremos no apartado a seguir, para agora nomear somente dous bem importantes dos séculos XX e XXI: Xulio Cuns Lousa, membro da orquestra de cordofones *A Nosa* do mestre Carlos Seixo, possuidor de ampla cultura musical, autor de vários artigos e livros sobre a música em Betanços, e junto com Xosé Maria Veiga Ferreira, autor dum estudo imprescindível sobre as orquestras modernas em Betanços, as mulheres e homens músicos e os percursos da sua atividade ao longo do século XX. Graças a esse trabalho, muitos guitarristas betanceiros não cairão no esquecimento. E, por último neste apartado, é devido nomear o inteligente guitarrista Javier Ares Yebra, assentado na Argentina, que tem recentemente publicado no Anuario Brigantino um estudo preliminar sobre a música em Betanços, na procura da organização dos numerosos documentos e informações, focando a atenção nas danças gremiais betanceiras (Ares Yebra, 2018).

## 5. As orquestras de cordofones em Betanços

Mas, o guitarrista betanceiro que realizou um estudo de recuperação da memória musical dos cordofones, fulcral para o presente trabalho e para trabalhos futuros mais completos, foi sem dúvida o também bandolinista e valioso historiador musical Marcelino Álvarez López 'Maíno' (Álvarez, 2004). A continuação apresentamos um resumo das informações recolhidas por Álvarez, relativas ao uso de guitarras e outros cordofones em Betanços, acompanhando-as das recolhidas por Cuns Lousa (2006) e as derivadas da nossa pesquisa. Como se verá graças ao imenso labor destes dous guitarristas betanceiros, a atividade musical em Betanços com motivo das guitarras e cordofones dedilhados será continuada ao longo do tempo e herdada pela mocidade.

O *boom* das orquestras de cordofones galegas no último terço do século XIX teve em Betanços e área de influência um grande foco de expansão, como ilustra o anúncio publicado

em *El Progreso* (1901) da venda de métodos de guitarra, entre outros livros, na Corunha por Lino Pérez, com sucursais no Ferrol e em Betanços. Marcelino Álvarez dá conta duma *rondalla* já no Círculo Musical brigantino, em 1893. Segundo Ares Espiño (2018: 189) esta orquestra estava dirigida por Joaquín Marty Roca. Depois Álvarez continua com a orquestra de cordofones do violinista Augusto Veiga Valenzano, filho de Pascoal Veiga e de Juana Valenzano, da família dos violeiros italianos que se estabeleceram em diversos lugares da península. A orquestra de Augusto Veiga Valenzano apresentou-se em Betanços em 1895, no Círculo Católico, produto da atividade pedagógica do regente, que funda a sua Escola de Música em 1894. Atua nesse ano por toda a comarca e nos seguintes, até 1897, ano em que Álvarez tem a última notícia. Porém, nós achamos notícia doutra orquestra dirigida por Augusto Veiga em 1905, num recital no Teatro Alfonsetti organizado pela *Liga de Amigos de Betanzos*, onde tocaram uma valsa composta por Andrés Naveira (*La Aspiración*, 1905). O irmão de Augusto, o também violinista Júlio Veiga, e o pianista betanceiro Juan Ponte Blanco integraram como professores a orquestra e a escola de música. Por essa altura também regista Álvarez um *Centro de Música y Declamación*, dissolvido ca. 1900, que se sabe tinha entre outros instrumentos vários cordofones dedilhados. Nesse mesmo ano, está a orquestra de cordofones *La Unión Musical*, formada por crianças e dirigida por Juan Ponte. A orquestra era o produto da escola de música aberta pelo pianista e, segundo Álvarez, esteve ativa até 1902.

Era a febre guitarrística tão forte que, também em 1902, o jornal betanceiro *El Pueblo* informa duma orquestra de cordofones feminina, do estilo das registadas em Pontedeume e Vigo, dando todos os nomes das músicas integrantes (EP, 1902):

Para satisfacción de nuestros apreciables lectores consignaremos los nombres de las simpáticas señoritas que constituían la referida *tuna*, é instrumento que manejaban. Señoritas Mercedes Golpe, directora, com batuta en ristre; Agueda y Joaquina García Iribarne, bandolino y violín respectivamente; Rosina y Lola Sánchez Díaz, pandereta y guitarra por el mismo orden; Angustias Díaz, guitarra; Paca y Joaquina Vieites, guitarras; Enriqueta Carril, triángulo (hierros); Elena Gayoso, violín; Avelina Pérez, bandurria; Victoria Sobrino, guitarra y tesorera; Isaura Golpe, bandurria, y Soledad Abarrategui, abanderada.

O agrupamento estava constituído como associação, com tesouraria e bandeira, havendo provavelmente presidenta, secretária e resto de cargos diretivos. Atuaram na época de Reis, no Liceu Recreativo. Pelos apelidos infere-se que o estudo dos diferentes cordofones tinha a ver também com as famílias, que queriam instrução musical para todas as filhas. Deste modo estão as mulheres das famílias Vieites (Paca e Joaquina), Golpe (Mercedes e Isaura, familiares de Salvador?), García Iribarne (Águeda e Joaquina) e Sánchez Díaz (Rosina e Lola), além das outras Díaz, Carril, Gayoso, Pérez, Sobrino e Abarrategui, que poderiam ter mais familiares músicos. Mesmo que o acesso feminino aos palcos era na época uma prática eventual e controlada, celebramos com alegria ter recuperado a notícia de mulheres dedicadas ao estudo e à prática musical.

Nos anos seguintes, Álvarez nomeia algumas rusgas de Entrudo, criadas como autênticas orquestras, nas que supomos havia cordofones dedilhados como os *Jaus* e os *Boers*. As que sim eram, com certeza, orquestras de cordofones em 1901 era a da *Colectividad Obrera*, dirigida por Benigno García Neira, e a da *Liga de Amigos de Betanzos* dirigida pelo bandurrista Andrés Naveira Carballo e formada por um violino, duas bandurras



Im. 4: Desenho no jornal betanceiro *La Aspiración*, do 4 de setembro de 1911, p. 2.

e quatro guitarras tocadas por intérpretes betanceiros dos que Álvarez dá nomes e apelidos (Álvarez, 2004: 23-24). Se bem é conciso, o estudo de Álvarez é também minucioso e deixa mais nomes dos componentes da orquestra *Lira Brigantina*, grupo artístico-musical criado ca. 1909 e dirigido de novo por Andrés Naveira, que contava com grupo de declamação. Participando em todas as festas betanceiras, a *Lira Brigantina* esteve ativa até ao ano de 1915, onde já era regente Joaquín Martí Amor, filho do antes citado Joaquín Marty

Roca, que entre 1919 e 1925 dirigirá a Banda Municipal (Ares Espiño, 2018: 186). Aqui vemos também, como no caso de Reveriano Soutulho, que as populares orquestras de cordofones eram a primeira prática para quem queria avançar na carreira de regente. Estes agrupamentos constituíam a escola de aprendizagem dos e das regentes galegas, assim de importante tem sido o seu contributo à música galega.

Em 1913 toca o guitarrista castelhano, o cego Esteban Juez, no *Liceo* de Betanços, que visita Galiza periodicamente, em gira que o leva também à Corunha e Vigo (*Betanzos Liberal*, 1913). Fora da Galiza, o betanceiro Tomás López Martínez, de 24 anos de idade, é já um membro respeitado da comunidade betanceira da Havana, e regente da orquestra de plectro da Sociedade *Hijos de Betanzos y su partido* (*Nueva Era*, 1913a). Também no mês de agosto desse ano viaja a Betanços uma orquestra ferrolana formada por cantores, guitarras, flautas e violinos, cujos componentes são: Honorato Martínez, presidente; vozes: Francisco Latorre, Francisco Álvares, José Manivesa, Manuel Rodríguez, Enrique Buide, Juan Martín e Rodrigo Echevarría; flautas: Manuel Fernández e Antonio Trillo; violinos: Francisco Saura e Emilio Gilabert; e guitarras: Francisco Cruz, Juan Álvarez, Timoteo Gómez e Enrique Larrias (*Nueva Era*, 1913b). Nas festas locais de agosto, desde o dia 14 até ao 19, também houve um Certame de orquestras de plectro, adornado com conferências de regentes como José Brañas do Ferrol, Mauricio Farto da Corunha e Gustavo Freire de Lugo. Nessa noite, a orquestra corunhesa tocou sob a chuva e no adro de São Francisco, uma peça que lhe faltava dentro do programa, que era a *Serenata* de Gounod (*Nueva Era*, 1913c).

Nessa linha explica Álvarez (2004: 33) como as orquestras de cordofones betanceiras, já na segunda década do século XX e seguintes, eram dirigidas pelos grandes músicos das Bandas como Antonio Segura, Faustino Temes Diéguez, Manuel Fernández Amor e Rogelio Loureda. Entre as já mencionadas está também a *Orquesta Betanzos* onde tocavam o pianista Juan Ponte e o bandurrista Vicente López Mancera. Entre os intérpretes desta época está o que imaginamos pai de Álvarez López, um jovem Marcelino Álvarez Dopico fotografado de Pierrot a tocar um adornado bandolim de estilo italiano. Tomamos uma reflexão de Álvarez López quando, a lembrar o pai, diz que apesar da falta de constância e a informalidade destes agrupamentos surpreende o facto de eles nunca terem deixado de existir. Agora vemos nas trajetórias de cada músico a superação daquela pretensa inconstância, pois a escola que ministravam os mais preparados tem sido eficaz, visto que filhos e netos foram herdando o ofício da música e o amor pelos instrumentos de corda dedilhada.



Foto do fundo Vales Villamarín do Arquivo Municipal de Betanços, com data 16 de setembro de 1909. Podem ser componentes da Lira Brigantina, como o moço Francisco Vales Villamarín que aparece aqui, segundo pela direita, sentado em primeiro plano.

Do município de Cessuras, hoje Oça-Cessuras, era Luis Agote Aguiar, menino nascido ca. 1880, que ficou sem vista aos dezoito meses de vida. A família enviou o menino estudar a Compostela, na Escola de López Navalón, onde aprendeu o ofício da música e a tocar vários instrumentos de corda. Está registado como estudante entre 1899 e 1906, sendo professor ajudante da Escola entre 1908 e 1922, ocupando-se das aulas de guitarra e cordofones dedilhados. Agote também tocava violino, como tantos guitarristas da época. O sucessor de Agote Aguiar foi Julio Mirelis Malvar, sobrinho do guitarrista Julio Mirelis García que publicara em 1892 um método para guitarra na compostelana imprensa de Paredes. Consta que o salário de Mirelis Malvar eram 1.500 pesetas anuais, o que pode dar uma ideia do possível salário do seu betanceiro antecessor (Rei-Samartim, 2020: 397).

Por Cuns (1986) temos notícia da atuação duma Tuna portuguesa em Betanços em 1924. Devia tratar-se da Tuna Académica do Porto, sendo regente Modesto Osório, que sabemos chegou à Galiza no final do mês de abril. Como sempre, estes intercâmbios galego-portugueses que respondiam à vontade de comunicação musical e cultural, desenvolviam-se do mesmo modo: Até uma semana antes da vinda da Tuna, ela era bem anunciada nos jornais. Depois através da imprensa podia seguir-se o percurso das suas atuações. Neste caso, sabemos que os tunos chegaram à Ponte Vedra em 29 de abril de 1924, estavam no Ferrol em 7 de maio, e nesse mesmo dia preparavam-se para sair para

Betanços. Depois voltariam a Compostela e fariam o trajeto de volta, possivelmente parando de novo nas cidades do Sul. Na notícia do concerto do dia 30 de abril em Compostela pode ler-se que se trata da Tuna do Porto, que os componentes eram os mesmos do Orfeão que em maio de 1922 tinha tido um enorme sucesso em Madrid, e contavam um número aproximado de 70 músicos (*El Ideal Gallego*, 1924; Magalhães, 1937; Paúl, 1938). Luciano Alegro de Magalhães, orfeonista de 1928, que escreve uma breve resenha sobre a vinda à Galiza da Tuna portuguesa, dizia da atuação em Betanços:

Mas havia sempre esperança em melhores dias... O êxito artístico ia-se mantendo e isso era o que importava. Isto aconteceu com a ida da Tuna à Galiza em 1924: em Betanços tiveram de pôr cadeiras suplementares no Teatro, tal era o interesse em a ouvir. Nesse mesmo ano se deslocou, com sucesso, a Lamego e Vila Real.

Também Cuns (1986) recolhe a atuação em 1931 da orquestra de cordofones *Airiños d'a miña terra* do Ferrol. Com efeito, na imprensa da época vemos que no domingo 11 de janeiro de 1931, a famosa orquestra de cordofones ferrolana *Airiños d'a miña Terra*, cujo regente na época era Eduardo Díaz, oferecia um recital no Teatro Alfonso Setti depois de chegar na tarde a Betanços e de se apresentar às autoridades da vila. Como acontecia sempre com os grandes eventos, este era anunciado dias antes na imprensa e, depois de acontecer, nos dias posteriores era publicada uma resenha a recolher o impacto da apresentação (*El Ideal Gallego*, 1931a, 1931b, 1931c). Mas não era esta a primeira vez que a *Airiños* tocava em Betanços. A orquestra tinha sido fundada em 1900 e trabalhou ao longo de muito tempo em toda a zona do Ferrol, Betanços e Corunha, sendo conhecida dentro e fora da Galiza. Em 1901 tocou no Teatro Alfonso Setti com uma formação de 28 intérpretes, dirigida por Antonio Seoane Pampín, distribuída em 2 alaúdes, 10 bandurras e 16 guitarras e guitarrões (*El Pueblo*, 1901). A visita em 1907, na sequência do relacionamento crescente entre Galiza e Catalunha, e no seio da homenagem ao presidente da associação, o empresário e militar Andreu Comerma, levou a *Airiños* em gira triunfal por Barcelona, Sabadell, Tarragona, Reus e Valls, vila de nascença do homenageado (Díaz, 2020: 56; Rodon e Prados, 2011: 204). Também em 1911 a *Airiños* retrata-se com o virtuoso Pepito Arriola. O regente desta orquestra na sua etapa inicial foi o músico e compositor ferrolano Antonio Seoane Pampín, cujo neto homónimo será no século XX um dos fundadores do grupo *Milladoiro*. Na sede da *Airiños*, situada na Rua Real do Ferrol, foi onde se constituiu em 1917 o grupo ferrolano do movimento popular e nacionalista galego mais organizado da nossa história, as Irmandades da Fala (1916-1936).

De novo Álvarez (2004: 35-36) na sua valiosa relação de orquestras betanceiras informa da constituição em 1934 da *Agrupación Musical Brigantina*, orquestra de plectro cujo regente era o guitarrista Manuel Caabeiro López. Como sempre Maíno dá os nomes dos constituintes, fotografias do grupo e todo o tipo de detalhes. Por ele sabemos que a orquestra contava com 5 bandurras, 2 bandolins, 3 alaúdes, 6 guitarras, 3 pandeiretas e um cantor. As suas apresentações públicas costumavam ser em festivais benéficos, festas populares e outros concertos, realizando visitas a Pontedeume, Ares, Sada e outras localidades da comarca. A orquestra esteve em funcionamento até 1937, pois a guerra provocada pelo falido golpe de Estado fascista, infelizmente, foi afastando os intérpretes das suas ocupações culturais.



Im. 5: Foto da orquestra de plectro betanceira *Lira Brigantina* em 1914.  
Foto: Marcelino Álvarez López, *Rondallas brigantinas*, p. 28.

Acabada a guerra, retoma-se a atividade musical já sob as instituições da ditadura. Assim, em 1941 a *Rondalla de Educación y Descanso* começa as apresentações em público com os jovens constituintes, entre os que está o próprio Marcelino Álvarez, Xulio Cuns, Carlos Seixo, Enrique Lousa e outros conhecidos músicos betanceiros, sendo o regente Manuel Fernández Rosende. A Casa Sindical franquista não lhes fornecia um local de ensaio. Álvarez queixa-se longamente deste facto e relata como tinham de ensaiar nos corredores, nas escadas, no portal e outras insuspeitas dependências onde faltavam até as cadeiras. Porém, a orquestra recebeu vários prémios e levou Betanços por diversas cidades galegas, tocando o passodoble *Santiago* de Ignacio Rodríguez, *Os teus ollos* de Chané, a *Alborada Galega* de Veiga e *Follas Novas* de Luis Brage. Fernández Rosende teve, em 1950 e durante um concerto da orquestra no Teatro Alfonsetti, uma participação como guitarrista a solo, em que tocou uma *Valsa* de José Brocá e *A Caça* de Fernando Sors. Esta última poderia ser a número 2 da Op. 47, *Six petites pièces progressives*, que é conhecida por esse nome. Com a *Rondalla de Educación y Descanso*, estes betanceiros realizaram gravações para RNE, a rádio da Havana, e um programa de canções galegas, sendo o tenor José López González, também integrante da orquestra (Álvarez, 2004: 37-44). Nos últimos tempos, o regente passou a ser um dos integrantes, Carlos Seijo, que daria muito que falar no futuro ambiente guitarrístico betanceiro.

Em 1949 temos o testemunho do betanceiro Xosé Ares, emigrante na Argentina, que publica na revista do Centro de Betanços em Buenos Aires uma lembrança do mestre da escola de São Francisco, chamado Ezequiel Suárez Blanco, guitarrista e gaitreiro, de quem se afirma que tinha composto uma Alvorada a quatro vozes, a qual era cantada todas as manhãs pelos estudantes, cuja letra dizia (Ares, 1949):

*Vinde compañeiros, vinde a estudar.  
 Vinde compañeiros, vinde a estudar.  
 Que o maestro nol-o manda, pol-o noso ben,  
 Pol-os nosos pais, por nosos irmáns,  
 Pol-a nosa terra e pol-a sociedade.*

Uma década mais tarde, em 1967 e durante os seguintes quatro anos, ensaia na escola *Nuestra Señora del Carmen* uma orquestra de plectro formada por meninas, que não seria a primeira orquestra feminina de Betanços, como pensava Álvarez López. O regente era Xulio Cuns Lousa que, durante o período que medeia entre o final da orquestra de *Educación e Descanso* e a de meninas, se reúne habitualmente com outros amigos para dar serenatas informais. As jovens integrantes desta orquestra eram de novo meninas de apelidos ilustres, por ligados à guitarra em Betanços, como Mariló Seijo López, Carmen Golpe Veiga, Pilar Paz Delgado, María Luisa López Cachaza, Lita Carro García, Teresa Ruzo, Purita Alonso Sanmartín, Tonucha Álvarez Pombo, María José Velo Bugía, Estrella Castro, Finita, Naty Galán Pintor, Pilar, Araceli Olveira Vilar e Olga Quintela López, segundo a relação de Álvarez López (2004: 45-46).

De novo, em 1973 outra escola organiza uma orquestra de plectro em Betanços, é o *Colegio Nacional Comarcal Mixto*, que contrata o guitarrista Manuel Vidal Diz para dar aulas de todos os instrumentos da orquestra e levar para a frente os ensaios e a regência do agrupamento. A orquestra é mista, formada por meninos e meninas, e permanece em ativo até 1979, sendo desde 1978 dirigida por Manuel Fernández Rosende, recém retornado do Brasil.

Entrementes, também em 1978 os velhos amigos das orquestras anteriores organizam-se de novo na orquestra *Rondalla Nosa*, que depois seria chamada de *Agrupación Musical «Carlos Seijo»*. A associação foi impulsada por Francisco Carlos Seijo Rodríguez ‘Carlines’ (19 de maio de 1924 – 30 de maio 1982), que era o regente. Entre os integrantes estavam Manuel Fernández Rosende, Marcelino Álvarez López, Xulio Cuns Lousa, Eduardo e Xosé Luis Muñoz Vales, antigos integrantes da orquestra de plectro de *Educación y Descanso*. Esta nova orquestra betanceira era mista e foi legalizada como associação em 14 de setembro de 1979. Entre as mocinhas que inicialmente a integravam havia uma bandolinista, Sara Suárez Fernández, uma bandurrista, Elena Sánchez Tomé, as alaudistas María Ascensión Maceiras Brañas, María Olga Recio Sánchez e Ángeles Sánchez Tomé (irmã de Elena), e as guitarristas Inés Bouza Hernández, María Belén García, Susana Golpe Veiga, Ana Recio Sánchez (irmã de María Olga), Patricia Teijeiro Barge e Olga Ucha Manso.

A *Nosa* soube ter uma bela lembrança para os ainda mais antigos membros de orquestras, como o cronista oficial da cidade, Francisco Vales Villamarín, antigo membro da *Lira Brigantina*, a quem foi entregue o título de *Rondalleiro Mayor* em 1980. Nesse dia o músico homenageado, que também era tio dos irmãos Muñoz Vales, agradeceu com um poema, que reflete com ternura tanto a herança guitarrística de avós a netos quanto a riqueza dos conjuntos mistos e o amor pelos instrumentos de corda dedilhada (Álvarez, 2004: 59):



Im. 6: Revista *Cu-Cut!*, Barcelona, ano VI, n.º 266, 20 de junho de 1907, p. 409.  
O presidente da *Airiños*, Andreu Comerma e o seu regente, o ferrolano Antonio Seoane.



Im. 7: Revista *La Hormiga de Oro*, Barcelona, ano XLVII, n.º 20, 15 de maio de 1930, p. 319.  
A orquestra *Airiños d'a miña terra* depois dum concerto em Barcelona.



Este foi um tipo muito popular em Betanços, conhecido como “O Juracho”.  
Foto: Selgas, ca. 1956 (Fundo Vales Villamarín do AMB).

*Moitas, moitísimas gracias  
por tan espléndido obsequio  
por esta fina atención;  
singular proba de afecto  
que vén encumear a um home  
certamente asaz modesto.  
Pasei, queridiños meus,  
uns deleitosos momentos,  
escoitando a marabilla  
do cautivador concerto,  
que apaludirían, sen dúbida,  
os mesmos anxos do Ceo.  
Que nenas tan feiticeiras!  
E como moven os dedos!  
E este pequecho de diante?*

*Recorcio! Dá o xenio velo.  
Que dóce cadencia arrinca  
do seu feituco instrumento!  
É algo que fai rebrincar  
o corazón aló dentro  
e escorrentar da moleira  
mouros e ruís pensamentos;  
algo, en fin, fóra de serie,  
en expresión de estes tempos.  
E que direi eu agora  
dos rondallistas máis vellos?  
Coas guitarras e alaúdes  
son verdadeiros portentos.  
Que filigranas as suas!  
Que trinos! Que arpexos meigos!*

Francisco Vales Villamarín, 04/10/1980.



*Rondalla del Colegio Nacional Comarcal Mixto de Betanzos, de izquierda a derecha: Eduardo Amado, Domingo Álvarez, Sandra Sánchez, José Couto Sánchez, Yolanda Martínez, Loli Rodríguez Montero, Manso, Enrique Pena, Ricardo García Díaz, Carlos López González y Mario. Delante: Marisa Sánchez Presedo y Miguel Couto Sánchez.*

Im. 8: Orquestra de plectro mista ca. 1977.

Foto: Marcelino Álvarez López, *Rondallas brigantinas*, p. 48.

A atividade da *Nosa* foi intensa ao longo de 25 anos, com decenas de recitais, colaborando sempre com a Coral Polifónica fundada por Manuel López Castro, com a Banda Municipal, em eventos benéficos, em inúmeros lugares da cidade, nos Certames de Orquestras de Plectro e eventos musicais organizados por toda a comarca e mais: Sada, Oça dos Rios, Minho, Oleiros, Aranga, Irijoa, Pontedeume, Vilalva, Bergantinhos, Mugaros, Ortegal, Ferrol, Fene, Corunha, Guísamo, Coirós, Mondonhede, Valdovinho, Melide, Monfero, Bergondo, Compostela, Curtis, Noia, Fisterra, Ordes, Vila Garcia, Ourense, sendo a sua atividade noticiada e referenciada com honras e reconhecimentos, e gravada pela RNE, TVE, RTVG, e outras entidades.

Dos Certames mais importantes desta época são os celebrados na Corunha, em que a *Nosa* sempre participa. Na sua terceira edição, realizada em 30 de maio de 1992, no Teatro Rosalia de Castro, o número de músicos envolvidos era de 250, todos tocando cordofones dedilhados, com orquestras de Aguinho, Padrão, Ferrol, Betanços e Corunha (Álvarez, 2004: 118). A *Nosa* homenageou várias figuras betanceiras, sendo a primeira o próprio fundador e regente, Francisco Carlos Seijo Rodríguez 'Carlines', cujo nome leva a orquestra desde o seu prematuro falecimento em 1982. Assim a *Rondalla Nosa* passou a se chamar *Agrupación Musical Carlos Seijo*. Também em 1994 a orquestra homenageou o artista José Veiga Roel, e em 1995 os veteranos integrantes da própria orquestra Manuel Fernández Rosende, um dos regentes, Marcelino Álvarez López e José Luís Gabín Velo, que com a sua constância e amor pela música deixam uma herança guitarrística de imenso valor no âmbito da interpretação musical galega.

O antigo integrante Marcelino Álvarez descreve com detalhe a frequência dos ensaios da orquestra *Rondalla Nosa*, que em 1979 são de duas horas diárias deixando os domingos livres e os sábados de manhã dedicados ao ensino dos principiantes. Também em 1990 recolhe uma nota de imprensa onde se faz um chamamento para as pessoas interessadas em aprender a tocar os instrumentos da orquestra, que era já a *Agrupación Musical Carlos Seijo*, cuja sede nessa altura está na Rua dos Prateiros, 2, 1º piso, em Betanços. Um dos maiores reconhecimentos foi o convite em 1996 a integrar a *European Guitar and Mandolin Association* (Associação Europeia de Guitarra e Bandolim), que teve de realizar-se em 1997 através da integração na FEGIP, *Federación Española de Guitarra e Instrumentos de Plectro* (Federação Espanhola de Guitarra e Instrumentos de Plectro).

Em 1999 a associação *Carlos Seijo* celebra o seu vigésimo aniversário com um fastuoso concerto ao que foram convidadas várias orquestras de plectro galegas: a *Tanxedoira* da Corunha, dirigida por Xulio Loureiro González, a *Albéniz*, também da Corunha e dirigida por António Gonçalves Soares, e a *Añoranzas* do Ferrol. Um outro evento importante foi em 2001, organizado em Ourense pela orquestra *Alecrín-La Troya*, em que participaram, além da anfitriã e a *Carlos Seijo*, as orquestras *Lucero del Alba* de Neda, a de Carinho, o agrupamento *Legeiro* da sociedade *Arcojovem* de Arcozelo (Vila Nova de Gaia) e a *Nova Xeración* de Barbadás. O encontro tinha também uma parte dedicada às Corais Polifónicas com participantes de Ourense, Lugo, Vigo e Viana do Castelo. A *Carlos Seijo* ganhou o primeiro prémio neste Certame (Álvarez, 2004: 156-159).

A participação em dezembro de 2002 da *Agrupación Musical Carlos Seijo* no XI Encontro de Corais celebrado em Lorbé, Oleiros, foi acompanhada da orquestra Arume, da Sociedade Cultural Recreativa Amigos de Lorbé, cujo regente era Severiano Estévez. As corais participantes eram a Coral Polifónica Eumesa, dirigida por Xosé Paz Fernández, autor dum também monumental trabalho sobre a música eumesa, que tem contribuído para a guitarra galega com numerosos intérpretes, e a Coral Polifónica *Lembranzas* de Lorbé (Álvarez, 2004: 176). Também em janeiro de 2003 a atividade da *Carlos Seijo* nos dá informações sobre uma outra orquestra, a da Vila das Pontes, dirigida por Alfonso Delgado López, que foi participar no Encontro organizado pela *Carlos Seijo* em Betanços. E nesse mesmo ano vemos colaborações com a orquestra *Rondalla de Cariño*, dirigida por Marisa Novo e a associação *Semente Nova* de Oleiros, cuja bandurra solista, Andrea Arias, luzia-se na interpretação das *Csárdás* do italiano Vittorio Monti. Por último, quanto à longa carreira artística da *Agrupación Musical Carlos Seijo*, Álvarez López acaba com o anúncio de mais uma atuação prevista para o ano 2004 em Cantábria.

O repertório que a orquestra *Carlos Seijo* manteve ao longo do tempo tinha uma componente galeguista, com as obras de José Castro Chané, Pascoal Veiga, João Montes, García Pardo, J. L. Giménez Lago, Soutullo e do betanceiro Antonio Gundín Fandiño, e outra europeísta, com a música de Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms, Strauss, Offenbach, Grieg, Tosselli, Robert de Visée, Bizet. Além da vertente espanhola com obras de Albéniz, Serrano, Penella, Araque e Pérez Choví. Entre as obras mais celebradas, a *Nosa* costumava interpretar um famoso arranjo de Daniel Fortea para orquestra da obra *Recuerdos de la Alhambra* de Francisco Tárrega, ilustre guitarrista valenciano, referência para muitos guitarristas galegos, que junto com Fortea foi também regente de orquestras de plectro. Também foi muito tocado o passodoble Amparito Roca do catalão Jaume Teixidor e nos últimos tempos a música do valenciano Pascual Cándido Cardá. Entre as atuações queremos destacar o belo *Fadinho da Tia Benta*, fado popular português arranjado



*Agrupación Musical de Pulso e Púa CARLOS SEIJO. Claustro de Santo Domingo. Agosto 1998.*

Im. 9: Orquestra de plectro *Carlos Seijo* em 1998.  
Foto: Marcelino Álvarez López, *Rondallas brigantinas*, p. 144.

para orquestra de plectro e cantado pela guitarrista betanceira Ana Recio Sánchez, que o estreou no mês de agosto do ano 2000 e logo a seguir, seria eleita Presidenta da associação, sendo a Secretária a irmã María Olga, também guitarrista. Nesse ano a renovação da Junta Directiva deu como resultado um 80% de integrantes femininas diretivas (Álvarez, 2004: 154).

Quanto aos regentes da orquestra, Álvarez dá notícia exata dos cinco que houve até agora na sua história: O primeiro, fundador e querido amigo, foi Carlos Seijo 'Carlines', cujo nome foi adotado pela orquestra. O segundo regente foi Francisco López López, entre junho de 1982 até outubro de 1986. A seguir, chegou um dos mais exímios compositores betanceiros, Carlos López García-Picos, de quem já falamos no início deste artigo, que dirigiu a orquestra de plectro durante quase 6 anos, desde outubro de 1986 até agosto de 1992. Depois o regente foi Pedro Noya López, que está em ativo desde outubro de 1997 até a data de publicação do livro de Álvarez López (2004). Por último, Manuel Fernández Rosende, o betanceiro emigrado ao Brasil, veterano músico das antigas orquestras betanceiras que dominava todos os instrumentos de plectro e a guitarra (Pérez, 1981), foi também regente nos intervalos que deixavam as sucessivas mudanças na orquestra. Em várias ocasiões o agrupamento tem homenageado os seus regentes falecidos como Carlos Seijo e Manuel Fernández Rosende. Álvarez fornece uma listagem de todos os componentes da orquestra ao longo dos seus 25 primeiros anos de existência, entre as que se contam 78 integrantes, dos que 48 são mulheres, chegando a Presidentas da associação duas delas, a mencionada Ana Recio, e antes, Elena Dapena Carbajo.

Desde 1992, e em paralelo à atividade de Carlos Seijo, outro dos grandes guitarristas betanceiros e investigador, Xulio Cuns Lousa, funda o *Grupo Evocación*, constituído formalmente em 1996. Os seus fundadores e fundadoras foram Marina Lendoiro López, Manuel Vidal Diz, Daniel Martínez García, Jesús Bergantiños Otero, Xulio Cuns Lendoiro e Xulio Cuns Lousa, sendo os guitarristas o trio formado por Manuel Vidal, Jesús Bergantiños e Xulio Cuns Lousa com colaborações na percussão de Benito García e do também guitarrista e conhecido músico betanceiro Paco Casal. Este conjunto, que atingiu fama fora da comarca brigantina e está em ativo no momento de Álvarez acabar o seu livro, tem no seu repertório música moderna e popular, como canções tradicionais portuguesas e argentinas e, entre outros autores, o português Raul Portela, os argentinos Carlos Gardel, Francisco Lomuto, Carlos Ocampo e o mexicano Tomás Méndez.

Mas, por se fosse pouco o dito até agora, Xulio Cuns Lousa também nos deixou outro livro, *Orquestras populares das Mariñas*, já mencionado neste artigo, em que os autores relatam todo tipo de orquestras brigantinas desde as rusgas de início do século XX até a intensa atividade das orquestras modernas a partir, sobretudo, da segunda metade do século. Esta nova fonte inesgotável de informação, bem como um artigo posterior dos mesmos autores (Cuns e Veiga, 2008) não se centra sobre as orquestras de plectro, mas sim recolhe guitarristas integrando a maior parte delas. Cuns Lousa relata também anedotas musicais a refletir como se vivia o mundo das orquestras no seu tempo, e várias biografias dos músicos mais relevantes. É interessante a sua narração da transformação das orquestras anteriores a 1950 e as posteriores, com a chegada paulatina primeiro da guitarra acústica e, depois, da eléctrica no último terço do século. Também é interessantíssimo ver a evolução das guitarras de madeira, ou clássicas, nas numerosas fotografias que acompanham o texto. Nelas pode apreciar-se como ainda na década de 1950 havia guitarras em uso com cravelhame antigo, e como tocavam, amplificadas, junto às novas guitarras acústicas. Também pode ver-se como a maior parte de cantores das orquestras também eram guitarristas e podiam acompanhar a sua própria voz. Em definitivo, o texto de Cuns Lousa é outro testemunho de famílias musicais betanceiras e da comarca, que em bastantes casos estavam ligadas também às orquestras de plectro. Todo o livro é uma entusiasta homenagem à entregada atividade musical que a comunidade betanceira tem realizado e mantido ao longo de todo o século XX.

Sirva o seguinte como resumo, feito por uma servidora e admiradora da capacidade betanceira para contar a sua própria história, tendo em conta que a autora não conheceu nenhum dos protagonistas. Assim, temos os cantores e guitarristas Manolo Carro da Orquestra *Palma*, Ricardo Fraguío da Orquestra *España*, Celso Béjar, da Orquestra *Satélites*, Tonecho da Orquestra *Leira*. Também recolhemos outros guitarristas como Toñito de Alexandre (Meirás) de *Los Esparteros*, Lito de *Los Españoles*, José María Velasco da Orquestra *Celtas de España*, onde também tocou o contrabaixo, Aquilino Pérez García, que também integrou a Banda de Música, foi professor em Betanços e também percussionista, o eumês Ramón Piñeiro ‘Chely’, Manolo Martínez ‘Margaritas’ da Orquestra *Iris*. Depois estão os já identificados como intérpretes de guitarra eléctrica: Alfonso Lesta da Orquestra *Kadetes*, Tino da Orquestra *Vieirantes* de Paco Casal, Suso Gestal, da Orquestra *X* da Corunha, Crespo da Orquestra *Platinos*, José Manuel, voz e guitarra na Orquestra *The Player’s*, Pedro da Orquestra *Rambalts*, Manuel e Antonio Breixo da Orquestra *Atlántida* de Antonio Vía Amor («Lucho Gatica») que ganhou como cantor de «Canción ligera» o concurso *Desfile de Estrellas*, em 1959 de RNE (Cuns, 2006: 256-257),



*PALMA. Formación do ano 1951. De esquerda a dereita: Manolo Carreira, batería; "Pepe de Gaslín", acordeón; Manolo Carro, cantante e guitarrista; "O Cerneda", trompeta; Adolfo Ulloa, saxo alto; Manolo "O Relojero", saxo tenor; Antonio Ulloa, contrabaixo. Abaixo, atrás: Manolo, de Cerneda, Antonio Ulloa, Florindo Vázquez, Manuel Montero. Diante: José Regueiro, Adolfo Ulloa e Manuel Pérez Beade. (Fotos cedidas por Adolfo e Antonio Ulloa).*

Im. 9: Orquesta *Palma*, ano 1951. Guitarra de madeira com cravelhame antigo.  
Foto: Xulio Cuns e Xosé M<sup>a</sup> Veiga, *Orquestras populares das Mariñas*, p. 93.

Rubén da Orquesta Bayas, Fernando García Gómez e José de *Los Key*, Mazariegos da Orquesta de Carmen Mary, Miguel Spallant (Espallante) da Orquesta de Jazz da Corunha, Quique e Rolando de *Los Celtas*, onde começou o cantor Pucho Boedo. Também, ainda que desconhecemos os nomes, havia guitarristas na Orquesta L-6, na Pybes de Pontedeume, e em *Los Fantásticos*, como era habitual pois a guitarra acompanhou todos os âmbitos musicais em andamento nos últimos tempos.

São de especial menção as referências a alguns dos músicos tratados por Cuns, como o antigo integrante das orquestras de plectro, José Luis Muñoz Vales, um dos irmãos Muñoz Vales e sobrinho do homenageado Vales Villamarín. Foi guitarrista da Orquesta *Cumbancheros*, final da década de 1950 (Cuns, 2006: 140). Também tocou o contrabaixo. Depois passou à Orquesta *Los Españoles*. Ele tinha aprendido a tocar com uma guitarra que era do pai, também guitarrista e habitual acompanhador da mãe cantora. A mãe ensinou-lhe os primeiros acordes e depois continuou com Enrique Lousa, antigo membro das orquestras de plectro que, finalmente, emigrou à Argentina. Com *Los Españoles* visitou toda Europa e o Japão. Em Hamburgo conheceu o regente Bert Kaempfert, o violinista Helmut Zacharias, no Amesterdão a Victoria de los Ángeles. E no Japão conheceu Nat King Cole, a mãe de Liza Minelli, e o lutador de sumo Ozeki Kitabayama.

O já mencionado colaborador do grupo de guitarras *Evocación*, Paco Casal, é um dos músicos mais relevantes de Betanços. Cantor e guitarrista da Orquestra *Celtas de España*, bateria e compositor, esteve também nos *Satélites* e nos *Trovadores*, e foi fundador dos *Vieirantes*. Quando Antonio Machín esteve em Betanços pediu-lhe integrar a sua orquestra. As suas composições foram gravadas por Ana Kiro, *Melchor y los Key*, Orquestra *Compostela*, Pily Pampín, entre outras. Casal recebeu vários prémios galegos pela sua música (Cuns, 2006: 252-253). Finalmente, e para não alongar mais este já longo artigo, retomamos a anedota que Cuns e Veiga contam quando um deles, sem dizer qual, estava em Pontedeume com o motivo de participar numa obra de teatro amador com uma companhia betanceira. Foi cortar o cabelo à barbearia do ‘Trancho’, que era na realidade Antonio Lamas, pai do famoso Manolo Lamas, fundador da Orquestra *Lamas*, depois *Lamas La Piña*, também regente do coro galego *Toxos e Froles*. Resultou que o barbeiro Lamas era guitarrista e tocava entre cliente e cliente, como era habitual entre os barbeiros. Dizem Cuns e Veiga que naquela ocasião Antonio Lamas tocou quatro ou cinco peças, uma delas um Minueto de Schubert, que tinha transportado uma segunda maior descendente para uma execução mais fácil, o que deu lugar a um momento de cumplicidade compreensiva entre ambos os dous guitarristas.

## 5. Conclusões

Os dados apresentados neste artigo provam sem lugar a dúvidas que o uso da guitarra e a família dos instrumentos de plectro tem sido permanente em Betanços ao longo da sua história. Fiel reflexo da Galiza guitarrística, a comarca das Marinhas e o triângulo geográfico e marítimo formado com as cidades do Ferrol e Corunha foram, e são, um centro de produção guitarrística popular e erudita de enorme importância para a música e a cultura galegas. Os processos dos últimos tempos narrados por boca dos próprios protagonistas são uma fonte de informação privilegiada, fruto da constância e a paciência dos seus autores, que quiseram contar a história musical do seu entorno para não deixá-la esmorecer, para que aprendamos a dar a importância que merece a atividade artística galega, e para reconhecermos na guitarra e na sua família de instrumentos os veículos da música galega que foram desde tempos medievais até ao nosso presente. Betanços, a sua comarca e as comarcas afins têm bem ganhado um lugar de honra na história da guitarra galega.

## 6. Agradecimentos

Por último, mas não menos importante, quero expressar o meu mais sincero agradecimento ao diretor do Arquivo Municipal de Betanços, Alfredo Erias Martínez, tanto pelo convite a participar no Anuario Brigantino, quanto pelo entusiasmo e a generosidade com que tem ajudado na redação deste artigo, especialmente com as imagens fotográficas de guitarristas e grupos betanceiros.

APÊNDICE



Grupo *Evocación* com Marina Lendoiro, Xulio Cuns e Manuel Vidal. Foto do AMB.



Xulio Cuns Lousa  
(1926-2014),  
guitarrista.  
Foto do AMB.



Imagem humorística de Manuel Martínez Veiga («Seva») e Francisco Carlos Seijo («Carlines») com os instrumentos trocados. Martínez na bandurra, Seijo no trombone. Foto do AMB.



Xulio Cuns Louza e os irmãos Eduardo e José Luis Muñoz Vales num trio de guitarra clásica, bandolim e guitarra eléctrica. Foto do AMB.

## Referências:

- Álvarez Alonso, M. d. C. (1981): «La Coral Polifónica». *Anuario Brigantino*, 4, p. 164-165. Disponível em: <http://anuariobrigantino.betanzos.net> (a mesma ligação para os outros artigos da revista referenciados neste artigo).
- Álvarez López, M. (2004): *Rondallas brigantinas. 25 años de la agrupación musical «Carlos Seijo»*. Betanzos: LUGAMI.
- Ares, X. (1949): «A lembranza de moitos». *Betanzos. Revista editada por «Centro Betanzos»*. Buenos Aires: dezembro, n.º 44, p. 11. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- Ares Espiño, J. (2016): *Carlos López García-Picos: Música a orillas del Atlántico*. Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- (2018): «La Banda Municipal de Betanzos y los inicios musicales de Carlos López García-Picos». *Ollando ó mar. Música civil e literatura na Galicia Atlántica (1875-1950)*, p. 181-204. Compostela: Tórculo.
- Ares Yebra, J. (2018): «Historia de la música em Betanzos (I): Las notas de campo de Jesús Bal y Gay sobre las danzas gremiales». *Anuario Brigantino*, 41, p. 379-396.
- Betanzos Liberal* (1913): Notícias extractadas. Betanzos: 7 de dezembro, 3. Disponível em: <https://biblioteca.galiciiana.gal>.
- Cantigas e Agarimos. Blog. Disponível em: <https://www.cantigaseagarimos.es>. Visitada em 02/02/2021.
- Carreira, X. M. (1989): «Noticias de profesores músicos de Betanzos». *Anuario Brigantino*, 12, p. 221-226.
- Cu-Cut!* (1907): Retratos de Comerma e Seoane. Barcelona: 20 de junho, 409.
- Cuns Lousa, X. (1984): «La Banda Municipal de Betanzos en el siglo XIX». *Anuario Brigantino*, 7, p. 155-178.
- (1986): La Banda Municipal de Betanzos en el siglo XX. *Anuario Brigantino*, 9, p. 137-150.
- Cuns Lousa, X. e Veiga Ferreira, X. M. (2006): *Orquestras populares das Mariñas*. Betanzos: LUGAMI.
- Cuns Lousa, X. e Veiga Ferreira, X. M. (2008): «Orquestras esquecidas das Mariñas». *Anuario Brigantino*, 31, p. 505-510.
- Delgado Corral, C. (2017): «A Festa da Lingua e a arte de dicir de Salvador Cabeza de León». *Anuario Brigantino*, 40, p. 499-508.
- Díaz Fouces, O. (2020): *El primer galleguisme en el mirall català. Entre inspiració i manipulació*. Barcelona: Llop Roig.
- Domínguez Touriño, G. e Estévez Salazar, F. (2009): *Tres mulleres galegas de armas tomar*. A Corunha: Baía Edicións.
- Dopico Vale, N. (2003): «Pepito Arriola, um músico de una generación. Las cuestiones de familia y los dineros de los niños músicos». *Ferrol Análisis*, 18, p. 69-76. E também os outros artigos da Separata sobre Pepito Arriola publicada no mesmo número da revista.
- El Ideal Gallego* (1924): La Tuna portuguesa. Corunha: 24 de abril, 5. Disponível em: <https://biblioteca.galiciiana.gal>.
- El Ideal Gallego* (1931a): Betanzos. Corunha: 4 de janeiro, 5. Disponível em: <https://biblioteca.galiciiana.gal>.
- El Ideal Gallego* (1931b): Betanzos. Corunha: 11 de janeiro, 5. Disponível em: <https://biblioteca.galiciiana.gal>.
- El Ideal Gallego* (1931c): Betanzos. Corunha: 13 de janeiro, 5. Disponível em: <https://biblioteca.galiciiana.gal>.
- El Mendo* (1890): Crónica de las Mariñas. Betanzos: 2 de junho, 3. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- El Mendo* (1891): En el Teatro. Betanzos: 29 de maio, 2-3. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- El Progreso* (1901): La Sección Obrera. Betanzos: 19 de maio, 2. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- El Pueblo* (1901): La asociación musical «Airriños d'a miña terra» del Ferrol. Betanzos: 8 de agosto, 2. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.

- El Pueblo* (1902): Crónica local. Los bailes de Reyes. En el Liceo Recreativo. Betanços: 12 de janeiro, 3. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- Erias Martínez, A. (1990): *O arquivo fotográfico Selgas*. Concelho de Betanços. Disponível em: [http://arquivomunicipal.betanzos.net/arquivo\\_traballos/1990\\_arquivo%20fotografico%20Selgas%20por%20Alfredo%20Erias.pdf](http://arquivomunicipal.betanzos.net/arquivo_traballos/1990_arquivo%20fotografico%20Selgas%20por%20Alfredo%20Erias.pdf)
- (2014): *Iconografía de las tres iglesias góticas de Betanzos. San Francisco, Santa María do Azougue y Santiago*. Betanços: Xunta de Galicia e Briga Edicións.
- Krispijn, T. (2010): Musical Ensembles in Ancient Mesopotamia. Proceedings of the International Conference of Near Eastern Archaeomusicology. ICONEA 2008 (125-150). Disponível em: <https://hdl.handle.net/1887/18480>
- La Aspiración* (1905): Notas. Betanços: 24 de abril, 3. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- La Aspiración* (1911): Imagem. Betanços: 4 de setembro, 2. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- La Hormiga de Oro* (1930): La rondalla gallega. Barcelona: 15 de maio, 319.
- Magalhães, L. A. d. (1937): Um pouco de História sobre a vida do Orfeão e Tuna Académicos. *Orfeão. 45º Aniversário do Orfeão Académico e 20º do Orfeão Universitário do Porto (1957)*, p. 8-10. Disponível em: <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/31836>.
- Martín Rubio, C. (2019): «El cronista gallego Juan Díez de Betanzos sigue siendo un héroe en Perú». *Galicia en el Mundo*. Disponível em: <http://www.cronicasde laemigracion.com/articulo/galicia/carmen-martin-rubio-cronista-gallego-juan-diez-betanzos-sigue-siendoheroe-peru/20190116140506090946.html>. Visitada em 08/02/2021.
- Martínez Santiso, M. (1987): *Historia de la ciudad de Betanzos*. Corunha: Deputação Provincial. Facsímile da edição de 1892.
- Míguez, J. A. (1981): «En recuerdo de Salvador Golpe». *Anuario Brigantino*, 4, p. 62-63.
- Monterroso Devesa, X. M. (1992): «Noticia da «Suma y Narración de los Incas» de Juan de Betanzos, publicada, pola primeira volta na sua integridade, 436 anos despois de ser escrita (1551-1987)». *Anuario Brigantino*, 15, p. 289-290.
- Nueva Era* (1913a): Brigantino ilustrado. Betanços: 6 de abril, 2. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- Nueva Era* (1913b): Notas. Betanços: 10 de agosto, 3. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- Nueva Era* (1913c): Nuestras fiestas. Betanços: 17 de agosto, 2. Disponível em: <http://hemeroteca.betanzos.net>.
- Nuevo Mundo* (1911): Madrid: 2 de novembro, 25. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bne.es>.
- Núñez-Varela Lendoiro, J. R. (2012): «Zanfoneros en las ferias de Betanzos». Disponível em: <http://www.cronistadebetanzos.com/zanfoneros-en-las-ferias-de-betanzos/>. Visitada em 07/02/2021.
- (2016): «Betanzos siglo XVIII. El zanfonero Espantoso». Disponível em: <http://www.cronistadebetanzos.com/betanzos-siglo-xviii-el-zanfonero-espantoso/>. Visitada em 07/02/2021.
- Orjais, J. L. d. P., Morais, M. e Manzano, P. B. (2017): *O legado sonoro de Jacinta Landa Vaz. Galiza, Portugal e Extremadura*. Compostela: aCentral Folque.
- Paúl, A. (1938): Modesto Osório. *Orfeão. 45º Aniversário do Orfeão Académico e 20º do Orfeão Universitário do Porto (1957)*, p. 11-13. Disponível em: <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/31836>.
- Pérez Vázquez, I. (Brais da Bouza): (1981): «Un home para a rondalla. Manuel Fernández Rosende». *Anuario Brigantino*, 4, p. 173-174.
- Rei-Samartim, I. (2020): *A guitarra na Galiza*. Tese de doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10347/24044>.
- Rodon, J. e Prados, J. (2011): *Comerma. Um enginyer de l'Armada em el segle de les llums*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat.
- Silvari, J. M. V. (1874): *Galería biográfica de músicos gallegos*. Corunha: Vicente Abad.
- Viqueira, J. V. (2012): *Obra seleta*. Barcelona: Edições da Galiza.
- Viso Soto, M. (2014): «Desta imos presos. A miña relación con Carlos López-García». *Anuario Brigantino*, 37, p. 497-504.